



CATARACTA DA RIBEIRA DE CAUSE E MURALHA ROMANA JUNTO D'AIX. \*

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

*Sidonio*, poeta celebre do seu tempo, e que morreu em 480, traça-nos assim o retrato dos francezes:

Vide n.º 47, pag. 369.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

«Elles teem estatura alta, pelle muito branca, olhos azues; o rosto é inteiramente barbeado, á excepção do beiço superior, onde deixam crescer dois pequenos bigodes; os cabellos, cortados pela banda de traz, crescidos por diante, são loiros; o vestido é tão curto, que não chega a cobrir-lhes o joelho; e tão apertado, que deixa ver as formas do corpo. Trazem um largo cinto, d'onde pende uma pesada espada extremamen-

NOVEMBRO, 28, 1857.

C. M. L.  
GABRIETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPONENSES

te afiada. De todos os povos conhecidos é o que entende melhor os movimentos e evoluções militares. São de tanta destreza, que acertam sempre aonde miram; tão prodigiosamente ligeiros, que caem sobre o inimigo com a rapidez do tiro que disparam contra elle; emfim teem tamanha intrepidez que nada os apavora: podem perder a vida, mas não o valor.»

Rapar um principe era, entre os francos, reduzir-o á classe dos vassallos: tornava-se assim inhabil para reinar. Clovis, querendo apoderar-se dos estados de *Cararic*, seu parente, rei dos morinos, fel-o rapar, bem como ao filho d'este infeliz principe. Tendo o filho dito que eram ramos verdes que rebentariam um dia, pois que o tronco não estava cortado, o usurpador fez-lhes decepar as cabeças.

As casas de recreio dos antigos reis de França não eram senão ricas granjas. Bosques, tanques, estrebarias, rebanhos, escravos occupados em fazer produzir, sob as ordens d'um *domestico* ou intendente, tudo annunciava mais o util que o agradável. Contavam-se acima de cento e sessenta em todo o reino. Os primeiros monarchas de França passavam a vida a viajar. As aldéas, abbadias, e castellos que se achavam no caminho, eram obrigados a fornecer-lhes o necessario para o alojamento e viagem, ajuntando-lhe algum presente de prata.

A caça era o seu divertimento ordinario; mas este nobre exercicio era só permittido aos principes, ou quando muito a alguns nobres privilegiados, que comtudo não podiam caçar senão em suas terras, e nunca nas possessões alheias, senão com licença do dono.

As princezas filhas dos reis tinham o titulo de *rainhas*, titulo que presagiava a sua futura aliança com algum soberano, porque não houve nenhuma no tempo dos reis Merovingianos, que deixasse de guardar o celibato, ou d'esposar um soberano.

O *mair* do palacio, que representava o que mais tarde se chamou grã-mestre, governava no palacio do rei. O conde do palacio julgava os officiaes: o referendario-mór, que foi chamado chanceller no reinado dos Carlovingianos, assignava os diplomas reaes, e sellava-os com o anel do principe: o condestavel, isto é, o conde das cavalhariças, tinha unicamente a intendencia d'estas. Estes cargos foram estabelecidos á imitação dos romanos.

Todos os annos, no mez de Março, juntavam-se as tropas sob as ordens dos seus chefes, e o rei passava-lhes revista; era a isto que se chamava *campo de Marte*. Regulavam-se ahí os interesses da monarchia: o rei, ou o *mair* do seu palacio, expunha as questões que deviam examinar-se, e a assemblea deliberava: a pluralidade dos votos decidia. O que a Dieta tinha pronunciado tornava-se lei do estado.

*Clotario II* reuniu muitas vezes assembleas nos seus castellos: chamava-se-lhes *placita*, d'onde veio a palavra *audiencias*. Eram especies de par-

lamentos ambulatorios, compostos dos bispos, officiaes-móres da corôa, duques, condes, e barões. O de *Bonneuil* sobre o *Marne* foi um dos mais numerosos do reinado d'este principe.

693 — *Clovis III* juntou em *Valencienne* os estados do reino. O principe presidiu a elles com as vestes reaes. Era uma capa quadrada, algumas vezes toda branca, e outras bipartida d'azul, muito curta dos lados, comprida até aos pés por diante, e rojando pelo lado posterior. O throno, ou cadeira real em que estava sentado, era uma especie de tamborete sem braços nem costas, como para advertir o monarcha de que devia sustentar-se por si mesmo, sem o apoio de *ninguem*. A corôa, era um circulo d'ouro enriquecido de duas ordens de pedraria; o sceptro, uma vara do mesmo metal, de cinco a seis pés d'altura, e curva como um baculo.

Os francos combatiam a pé, com arco e flechas, espada, dardo, e uma hacha de dois gumes. O rei commandava o exercito; os duques e condes eram os seus subalternos. Estes duques e condes serviam de governadores das provincias e cidades, cuja administração tinham por commissão e em nome do principe. Não se conheciam então tropas regulares. Cada provincia tinha a sua milicia, e fazia-se marchar de ordinario a que estava mais perto dos logares onde o estado a precisava. Havia nas provincias, e particularmente nas fronteiras, viveres destinados ao sustento das tropas. Não parece que estas tivessem outro soldo além do saque. Era uso leval-o, e dividil-o em commum. A bandeira de França não era outra coisa mais que a capa de *S. Martinho*: um veo de tafetá, que tinha a imagem do santo, e se ia buscar em grande pompa ao seu tumulo. Guardavam-na respeitosa em uma barraca, e passeavam-na em triumpho ao redor do campo, quando estavam proximos a pelejar.

Antigamente os reis de França nomeavam os bispos, sem esperar a approvação do povo e do clero. O povo tinha só o direito de reconhecer: os papas ainda não tinham arrogado a si o de confirmar. Enviava-se-lhes simplesmente uma profissão de fé, e pedia-se-lhes a communhão; era a unica homenagem que então se prestava á côrte de Roma.

*Clovis* redigiu a lei salica, na qual o direito de successão á corôa não era expressamente regulado, como se cre commummente. Ella diz só que, *em attenção á terra salica, as mulheres não teem parte alguma na herança*; o que nada tinha que ver com a casa real em particular, porque se chamavam *terras salicas* as que se derivavam do direito de conquista. A successão á corôa não foi concedida unicamente aos varões senão por uso, que se tornou lei constitutiva do estado.

A legislação dos francos limitava-se a fixar certas sommas para remir os crimes. O roubo e o homicidio estavam taxados. Só o crime d'estado era punido de morte. Purificavam-se pelo duello, ou se batessem em pessoa, ou tomassem um representante; e a victoria decidia da innocencia do vic-

torioso, ou da legitimidade do direito que defendia. A religião e a razão fizeram por muito tempo inuteis esforços por annullar este barbaro costume, vindo do norte, prescripto pelos borguinhazes, adoptado pelos francezes, e que se sustentou quasi doze seculos, apesar dos anathemas fulminados contra elle.

Para certificar as coisas duvidosas, fazia-se prestar juramento a um numero maior ou menor de testemunhas, segundo a importancia do negocio, e o merito ou qualidade das pessoas. Foi assim que Fredegunda provou ao rei Gontran, que Clotario, seu filho, o era tambem de Chilperico: ella jurou, e fez jurar comsigo trezentas testemunhas. O juiz, para advertir as testemunhas a que prestassem attenção ao juramento que iam fazer, puxava-lhes uma orelha, ou dava-lhes uma pequena bofetada.

Quem feria um homem na cabeça, pagava a multa de quinze soldos d'ouro (o soldo d'ouro valia pouco mais ou menos quinze libras). Quem despia um morto, pagava trinta.

Continua.

## O GALEÃO ENXOBREGAS.

(*Scenas navaes do seculo XVII.*)

Conclusão.

VI

CATASTROPHE!

O mar dos Açores não affrontou o galeão, nem os piratas do norte o insultaram n'aquellas paragens, pouco seguras então.

Já as ilhas ficavam pela popa depois de dez singraduras, e os pilotos se faziam com a costa de Portugal, quando ao anoitecer do dia 13 de Janeiro de 1652, a gente do Enxobregas viu com assombro e terror um corpo luminoso, cuja extremidade inferior se agitava no espaço como se fosse baloiçada pelo vento.

«Senhor Jesus, misericordia!» bradaram os marinheiros, caindo em gíolhos no convez: «Misericordia, que se acaba o mundo!»

O padre Jeronymo da Conceição dispunha-se a dar absolvição geral aquelles peccadores, quando Pero Dourado acudiu, rindo, a socegar os espiritos da marinhagem.

O velho piloto era sabedor da sua arte, e não supersticioso.

«Amigos, disse elle com voz segura; aquillo é um cometa; não faz damno aos homens do mar. Anda longe, e não se mette comnosco.»

Pantaleão Vaz, ainda moço, posto que já bom contramestre, tambem não cria em contos de bruxas, e achegando-se dos timeratos com uma boa róta, ás chibatadas lhes acabou de sacudir o medo, que as palavras do piloto tinham começado a dissipar.

Hevelius notou n'este cometa, e depois no de 1661, fortes ondulações na cauda, como antes e depois outros astrónomos affirmaram ter observado em diferentes cometas.

A noite passou sem novidade; e ao primeiro alvor da manhã uma tarja negra que se enxergou no horisonte, pela prôa, veiu alegrar os nautas, patenteando-lhes a terra da patria.

Como é doce, ao cabo de trinta e dois mezes de ausencia, tendo arrostado com toda a sorte de perigos e trabalhos, avistar o paiz natal!

E que dôr, quando um contratempo protrahe ou aniquila a suave esperanza de pisar esse solo querido, e abraçar os parentes e os amigos!

Que alegria reinava n'esse momento a bordo do galeão... quem diria que em poucas horas se ia transformar em profunda tristeza!!!...

Uma vela, duas, quatro, oito, doze, vinte... appareceram successivamente pela prôa do galeão, saindo de traz do Cabo da Roca!... E o Enxobregas estava tão perto d'esse Cabo que, a serem inimigos, não era possivel fugir-lhes.

E eram inimigos, e crueis!... As meias luas de prata destacavam no fundo vermelho das bandeiras que aquelles navios arvoravam!

Naus de turcos, inimigos da cruz de Christo que hasteava o galeão portuguez, cercavam aquella pobre gente, morta de cansaço, extenuada pelas privações!

«Oh!... O cometa! exclamaram então os supersticiosos marinheiros... Vejam se elle não annunciava desgraça!»

E o seu primeiro desejo foi lançarem ao mar o piloto e o contramestre, que não criam em presagios.

Porém o inimigo aproximava-se a alcance da artilharia, mais em tom de festa do que de guerra, ao que parecia, pois vinham embandeiradas todas as naus, e na capitania ou almiranta se tangiam ruidosamente varios instrumentos musicos.

A peleja era inevitavel, e o seu resultado pouco duvidoso.

Vinte contra um, e aquelles robustos, e este enfraquecido... taes eram as proporções da lucta que se apresentava.

Ali, tão perto, a patria, a salvação.... Aqui, quasi certa a morte, ou o captiveiro!

Bastião de Moraes, o dos oculos, o de forte coração, dirigiu-se á sua gente n'estas concisas palavras:

«Quem prefere a deshonra a uma morte gloriosa, arrie o batel, e vá entregar-se aquelles perros descridos... O resto ponha lestes a artilharia, as lanças ao alcance do braço... e fogo e ferro sobre os infieis.»

«Viva o nosso capitão-mór!» bradou unisona toda a tripulação: «Viva Portugal, e morramos todos com honra pelo serviço de Deus e d'el-rei!»

«Eis-aqui quem hade ajudar-nos» accrescentou o capellão alçando no ar um crucifixo.... «Elle morreu por nós; demos pois a vida pela sua santa religião!»

«A elles!... Que a capitania inimiga já está pelo nosso travez.»

«Fogo!»

E o galeão Enxobregas, alquebrado, fazendo agua, com uma guarnição diminuta, foi o primeiro a travar tão desigual batalha!

E que os seus tripulantes e passageiros sacudiram de si n'esse momento solemne e decisivo a doença, a debilidade, o temor da morte, e tornaram-se gigantes. As proprias mulheres, esquecendo a fraqueza do seu sexo, armaram-se para o combate. Em poucos momentos tudo estava a postos, e um bem sustentado fogo vomitava sobre o inimigo uma chuva de pelouros.

Gil Corrêa, o dispenseiro imprevidente, que vinha em ferros no porão para ser sentenciado em Lisboa, quebrou as algemas, e apparecendo na tolda, de espada em punho, pediu ao capitão-mór, pelas Chagas de Christo e por sua Mãe Maria Santissima, que o deixasse morrer pelejando contra os inimigos da fé, ao lado dos seus camaradas. Todos louvaram o nobre proceder do dispenseiro, e a licença foi concedida sem delongas.

D. Catharina, empunhando tambem um montante, e chispando fogo dos negros e brilhantes olhos, parecia o anjo do exterminio, alçado sobre o chapiteo do galeão. Alguns passos distante d'ella, o principe D. Martinho dirigia o fogo das esperas da tolda, e mostrava amplo prazer, contemplando o quadro de destruição que se desenrolava ante seus olhos. Ruy da Cunha estava á bandeira, e D. Leonor acompanhava-o, não com lagrimas que enfraquecessem o animo do esforçado cavalleiro, mas com palavras de consolação e esperança, e brandindo egualmente uma espada.

O capitão corria o navio de popa á proa, de um bordo a outro, visitando ora o convez, ora a coberta, e determinando fogo continuo em ambas as baterias, a bombordo e a estibordo ao mesmo tempo, porque as galés e as naus dos turcos estreitavam o galeão em um circulo infernal.

Todos faziam o seu dever; mais do que o seu dever... prodigios de heroicidade! Velhos, moços, livres, escravos, creanças, mulheres rivalisavam em coragem! Porém o combate não podia ser de longa dura, pela differença numerica dos contendores e das boccas de fogo.

Uma das maiores naus inimigas lançou os arpeos da abordagem ao galeão, e a gente do Enxobregas deixando de responder ao fogo dos outros vasos contrarios, correu toda á borda a que se encostara o turco; e em quanto os mahometanos, de alfange na mão, saltavam ás enxarcias e ao convez da nau portugueza, os nossos abriam, com a espada e com a lança, caminho para a embarcação inimiga, pelas portinholas da sua artilharia; e davam um combate na coberta inferior d'aquelle alteroso navio, ao mesmo tempo que não menos cruenta batalha se pelejava na tolda do Enxobregas.

«Repte-te!» Era o grito furioso que se escu-

tava n'aquelles recintos, ora proferidos em arabe, ora em portuguez.

Aquelles encarniçados inimigos não poupavam mutuamente nenhum meio de se hostilizarem, por mais horrivel que fosse. Os turcos buscavam incendiar o galeão, que não suppunham facil de apresar, em vista da tenaz resistencia que lhe oppunham os nossos; e os portuguezes, contando com a morte certa, faziam eguaes diligencias com relação á nau dos infieis, pois queriam, á similhaça de Sansão, involver na propria ruina a destruição dos contrarios.

Moiros e christãos realisaram os seus desejos. O fogo appareceu simultaneamente nas duas naus, rompendo pelas escotilhas em espadanas de fogo, lambendo os mastros, e enredando-se nos óvens da enxarcia.

Nem a presença de tão horrivel quadro fez abrandar o combate. Em quanto alguns turcos acudiam a apagar o incendio da sua embarcação, diligenciando separar-se da nossa; os portuguezes, sem lhe importar com a propria ruina, perseguiram os inimigos em retirada, e obstavam á desunião dos dois vasos. Entretanto a capitania, atravessada a pouca distancia da popa do Enxobregas, começava a metter-lhe balas de coxia, que varriam o convez e a coberta.

Um pelouro de trabuco varou o peito de Ruy da Cunha, que vibrava a espada com a mão direita e segurava com a esquerda a driça da bandeira nacional. Baqueando sobre a varanda, e sentindo-se morrer, abraçou a querida esposa, e só teve força para lhe dizer estas palavras:

«Não te deixes aprisionar pelos infieis...»

E acabou!

D. Leonor, vendo o navio em chammas, abraçou-se com o cadaver do marido, e lançando-se com elle no mar, foi acompanhar no fundo das aguas, e por toda a eternidade, aquelle de quem nunca se separara em vida.

Já não restava a menor esperança de salvação, nem para os nossos, nem para aquelles que tiveram a imprudencia de se aproximar tanto de homens desesperados. Banhado em sangue, no seu posto, jazia o velho piloto; e o padre Jeronymo, depois de o ouvir de confissão, absolveu-o em nome de Deus, correndo em seguida a prestar as ultimas consolações a mestre Fernandes, que acabava de cair tambem; mortalmente ferido.

D'ahi, vendo abaterem-se os mastros de que o fogo se apossara, e conhecendo bem que era chegada a ultima hora para todos aquelles peccadores, o padre subiu á borda, lançou a absolvição sobre todos os seus companheiros de viagem, e com a nobre abnegação de um martyr do christianismo, passou á nau contraria, a metter-se no meio da refrega, com a cabeça inclinada sobre o peito, e abraçado á cruz do Redemptor, achando ali poucos instantes depois a morte que buscava da mão dos infieis.

O capellão não chegou a ver o ultimo acto d'este sanguinolento drama. Sem esperanças de parte a parte, os contendores pelejavam não já como

homens, nem como leões, mas como demonios!

Bastião de Moraes, mal ferido, ensanguentado, defendia-se só, e com a espada quebrada, contra vinte alfanges que lhe vibravam não interrompidos golpes. D Martinho cobria com o seu o corpo de Catharina, disputando aos sabres mauritanos o resto de vida que ainda animava aquella heroína, horivelmente mutilada no combate. Era um quadro medonho!

As naus turcas não vinham em auxilio d'aquella que aferrara o galeão, porque temiam o contacto do incendio que lavrava a olhos vistos, e receiavam mais ainda alguma explosão dos paiões da pólvora. Tinham-se amarrado algum tanto, porque o vento e a corrente arrastavam para a enseada de Cascaes os dois vasos incendiados. O povo acudia á praia, armado de chuços, velhos mosquetes e espadas, para soccorrer, sendo possível, os seus compatriotas do galeão, que luctavam com coragem heroica nos ultimos trances da vida; porém nenhum auxilio lhes puderam prestar, por que, antes de chegarem á terra, as duas naus, que successivamente se iam afundando, mergulharam de todo, e foram a pique.

Ainda entre as vagas, nadando com o braço esquerdo, e esgrimindo a espada com a mão direita, alguns dos contendores pelejavam um combate sem igual nos fastos da guerra; e um só d'estes desgraçados, cortado de mil golpes, rojava para a praia, seguro a um madeiro.

Os esquifes turcos que se aproximaram do lugar d'aquella estranha batalha, já não recolheram senão cadáveres!

Pouco depois a armada do sultão fez-se ao largo, em busca de mais facil presa.

O homem arrojado á praia era um portuguez, o *Cheira-Dinheiro*, unico que escapou do galeão *Enxobregas*. Foi elle que contou os promenores da viagem e successos do mesmo galeão a um frade da Terceira Ordem de S. Francisco, o qual deixou escripta, mas não impressa, uma relação dos referidos acontecimentos, que por acaso nos veio á mão, vasculhando nas ruínas de um convento da ordem, e que fielmente transportamos para as columnas d'este jornal.

FINIS LAUS DEO.

F. M. BORDALO.

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Continuação.

Chegados ao cadafalso, os penitentes foram postos em uns degraus muito altos que estavam n'elle, por baixo da Cruz: as onze pessoas que haviam de ser relaxadas, que eram cinco homens e seis mulheres, no mais alto degrau, e logo os reconciliados, e no mais baixo os que haviam de ser penitenciados. E da outra parte do tablado,

em frente, se subia por onze degraus ao sitio onde se pozeram os senhores inquisidores, tendo o estado ecclesiastico á mão direita, e a cidade e cavalleiros á esquerda, e no mais alto do primeiro degrau se sentou o fiscal do santo-officio com o estandarte. E os consultores e qualificadores, e os religiosos e ecclesiasticos se accommodaram nos ditos degraus, em que cabiam até mil pessoas. Todo o restante do tablado estava cheio de cavalleiros e pessoas principaes, e no meio levantava-se um pulpito quadrado em que se punham os penitentes quando lhes eram lidas as sentenças pelos secretarios do santo-officio, que para lê-las se subiam a outros dois pulpitos que estavam em partes commodas do estrado.

Começou-se o auto por um sermão que pregou o prior do mosteiro dos dominicos, que é qualificador do santo-officio, e n'aquelle primeiro dia se leram as sentenças das onze pessoas que foram relaxadas á justiça secular, que por serem tamanhas e de coisas tão extraordinarias, occuparam todo o dia até que ia anoitecer, que foi quando a dita justiça secular se encarregou d'ellas, e as levou a queimar, seis em pessoa, e as cinco estatuas com seus ossos, por terem sido convencidas de que eram bruxas e tinham commettido grandes maldades. Excepto uma, que se chamava Maria de Zozaya, que foi confitente, e a sua sentença das mais notaveis e espantosas de quantas ali se leram. E por ter sido mestra e ter feito bruxas a grande numero de pessoas, homens e mulheres, meninas e meninos, ainda que foi confitente, se mandou queimar por ter sido tão famosa mestra e dogmatisadora.

N'este auto verificaram-se muitas sentenças, e antes d'acabar, o inquisidor Holguin com grande gravidade, tendo suspensa e admirada a multidão, tirou o sambenito á bruxa Maria de Yurreteguia para que fosse exemplo da misericórdia do santo tribunal, e pela dôr com que havia sido boa confessada e animo com que se tinha defendido dos bruxos que a queriam tornar a reduzir á sua seita. E com isto se acabou aquelle auto.

Esta mulher tinha declarado que na seita dos bruxos os havia mestres e mui antigos, de quem o diabo se aproveitava para fazer proselytos, que logo levavam ao Aquelarre (que em vasconço quer dizer prado do cabrão, porque n'essa figura apparecia aos bruxos), e ali acabavam de ser instruidos nos maleficios. O mestre ou mestra que convence alguém para entrar na seita, em um dos dias que ha Aquelarre, duas ou tres horas antes da meia noite, vae ao lugar onde está descansando o neophito, e depois de despertal-o, unta-lhe com uma agua verdeneira e hedionda as mãos, peitos.... e plantas dos pés, e logo o leva comsigo pelo ar, tirando-o pelas portas ou janellas que lhe abre o demonio, ou por qualquer abertura da porta, e com grande velocidade e presteza chegam ao Aquelarre, campo assignalado para as suas reuniões, onde em primeiro lugar, apresenta o bruxo velho o seu noviço ao demonio, que está sentado em uma cadeira, que umas vezes

parece de oiro e outras de madeira negra, com magestade e gravidade, e com rosto muito triste, feio e irado (que por então se representa em figura de homem negro, com uma corôa de cornos pequenos, e tres d'elles são mui grandes, e como se fossem de bode, um dos quaes está na frente com que dá luz e allumia a todos os que estão no Aquelarre, e a claridade é maior que a da lua e muito menos que a que dá o sol; é a que basta para que todas as coisas se vejam e conheçam), tem os olhos redondos, grandes, muito abertos, acesos e espantosos, a barba como de cabra, o corpo e figura como entre homem e bode, as mãos e pés com dedos como de gente, mas todos eguaes, aguçados para as pontas com unhas rapantes, e as mãos curvas como ave de rapina, e os pés como se fossem de ganso. E tem a voz espantosa, desentoadada, e quando falla sôa como um macho que zurra, e as palavras que falla são mal pronunciadas que não se deixam entender claramente, e sempre falla com voz triste, rouca, ainda que com muito grande gravidade e arrogancia, e o seu semblante é muito melancolico, e parece que sempre está desgostoso.

E quando a bruxa mestra lhe apresenta o noviço lhe diz: *Senhor, trago e apresento-vos este*: e o demonio se lhe mostra agradecido, e diz que o tratará bem para que com aquelle venham muitos mais. E logo o mandam pôr de joelhos em presença do demonio, que renegue na forma e das coisas que a bruxa sua mestra o instruiu, e dizendo-lhe o demonio as palavras com que hade renegar, as vae repetindo, e renega primeiramente de Deus, da Virgem Santa Maria, sua mãe, de todos os santos e santas, do baptismo e confirmação e d'ambas as chrismas, e de seus padrinhos e paes, da fé e de todos os christãos, e recebe por seu deus ao demonio, o qual lhe diz que d'ali em diante não hade ter por seu deus e senhor ao dos christãos, mas a elle, que é o verdadeiro deus e senhor que o hade salvar e levar ao paraíso.

E logo o recebe por seu deus e senhor, e o adora beijando-lhe a mão esquerda, a bocca e os peitos, em cima do coração... e logo se volta sobre o lado esquerdo, e levanta a cauda (que é como a que tem os jumentos) e descobre aquella parte que é mui feia, suja e fetida, e o beija tambem debaixo da cauda. E logo o demonio estende a mão esquerda, e baixando-a pela cabeça para o hombro esquerdo ou em outras diferentes partes do corpo (segundo lhe parece) lhe faz uma marca, ficando-lhe uma de suas unhas, com que lhe faz uma ferida e tira sangue, que recolhe em alguma vasilha, e o bruxo noviço sente da ferida mui grande dôr, que lhe dura por mais d'um mez, e a marca e signal por toda a vida; e depois na menina dos olhos, com uma coisa quente como se fosse d'oiro, lhe marca (sem dôr) *um signal com que se conhecem os braços uns aos outros*.

E logo o demonio dá á mestra certas moedas de prata em preço e compra d'aquelle escravo,

e um sapo vestido, que é um demonio n'aquella figura, para que sirva como de anjo da guarda ao bruxo noviço que renegou. E é coisa notavel, que pela maior parte as moedas desapparecem, e que a bruxa mestra não tira proveito d'ellas, principalmente se as não gasta dentro de vinte e quatro horas depois de as receber. E o sapo sempre fica em poder dos bruxos, tendo-o e sustentando-o a mestra muito tempo, até que o demonio lh'o manda entregar ao bruxo noviço. Tambem é coisa notavel, que a marca que o demonio lhes faz é de tal condição que com ella lhes insensibilisa a parte onde entra a unha: de maneira que ainda que por ella lhes mettam uma agulha ou alfinete não sentem dôr nenhuma.

Acabado o acto de renegar, o demonio e demais bruxos antigos que estão presentes, advertem o noviço que não hade pronunciar o nome de Jesus, nem da Virgem Santa Maria, nem se hade persignar nem benzer: e logo lhe mandam que vá folgar e bailar com os outros bruxos ao redor d'uns fogos fingidos que o demonio ali apresenta, e lhes diz que aquelles são os fogos do inferno; e que entrem e saiam por elles, e verão como não queimam nem dão nenhum tormento: e que assim, pois não ha mais pena do que aquella no inferno, folguem, tenham prazer, e não temam fazer o mal que puderem; pois os fogos do inferno não queimam nem fazem mal nenhum: com o que se animam a commetter todo o genero de maldades, e folgam e se entreteem bailando e dançando ao som de tamborim e flauta, que no Aquelarre de Zugarramurdi (do qual eram quasi todos os ditos), tangia um que se chamava João de Goiburu, ao som do tambor, que tocava outro por nome João de Sansin, ambos primos, que foram tirados do auto e reconciliados por terem sido bons confessados; e duram nas ditas danças e bailes, fazendo festa ao demonio (que os está vendo), até que é hora de cantar o gallo, depois de meia noite, que voltam todos a suas casas acompanhados dos seus sapos, e se desfaz a reunião, porque não pode estar mais tempo, e em muito pouco chegam a suas casas.

E o dito João de Goiburu algumas noites que vinha ao Aquelarre de outro lugar que estava a duas leguas do de Zugarramurdi, confessa que quando voltava a elle, se era chegada a hora de cantar o gallo, o seu sapo desapparecia-lhe, e o seguia a pé até chegar a casa, porque não podia ir mais pelo ar.

Continua.

#### A MINHA ESTRELLA.

N'esse manto recamado

De parcellas luminosas,

Brilhando todas formosas,

Não vês um astro encantado

Melancolico appar'cer?

Como se espelha nas aguas

Que bem se casa c'o as magoas

Como attenua o soffrer!

Meiga a lua — astro saudoso  
Que de mysterios murmura!  
Muito mais á desventura,  
Muito mais do que ao ditoso,  
Ou de opulencia ou d'amor,  
Na pallidez que a distingue  
Nunca a tristeza se extingue,  
Mas é tristeza sem dôr!

Ao pé não vês uma estrella,  
Seguindo-a sempre constante,  
Que brilha como o diamante  
Tão radiante como bella  
E de attractivo sem par?  
Pois essa magica chamma  
É que esta minh'alma inflamma  
E a que sempre eu heide amar.

Não me apparece de dia  
Se me vê, não posso vê-la...  
Porque se esconde assim ella?  
É p'ra ter mais poesia  
Quando á noite vem fulgir,  
É p'ra mattar-me a saudade  
E com mais intensidade  
Sobre o triste reflectir.

Se ás vezes nuvem traidora,  
Ou cerração traiçoeira,  
Vem roubar-me a companheira,  
Triste a minh'alma deplora  
A terrivel privação;  
Mas se ao depois me apparece,  
Em mais santo amor me aquece,  
Mais me exalta o coração.

Existem astros na terra,  
Nenhum porém fulge tanto!  
Nenhum tem tamanho encanto  
Como o encanto que este encerra  
Pelo menos para mim!  
Ha-os na terra formosos,  
Mas são todos caprichosos,  
Nenhum é constante assim.

Oh! scintillante rainha!  
Bem me vês, sou teu captivo...  
Serei teu em quanto vivo  
Como ahi no espaço és minha,  
Minha só de mais ninguem.  
Podem outros encarar-te,  
Mas esses hão de deixar-te  
Por astros que o mundo tem.

Não, como eu ninguem te admira,  
Ninguem te chama incessante,  
Ninguem ao ver-te radiante  
Ai! como eu por ti se inspira  
E na poesia e no amor...  
Se és toda a minha alegria!  
Se és a estrella que me guia  
Nas trevas da minha dôr!

## N'UM ALBUM.

Ai! donzella, tu suspiras,  
Porque suspiras, diz lá?  
Baixas os olhos e coras?  
Porque motivo será?

São amores, querido anjo?  
Pois tão nova, com taes annos,  
Já tens o peito captivo  
Amas, e choras enganoso?

Infeliz e debil planta,  
Te sacode o vendaval  
D'um desengano immercido  
Ou d'uma illusão fatal?

Chora, pois, chora, donzella,  
Que os prantos na tua idade  
São como orvalhos da aurora  
E não regam a saudade.

Se o tormento hoje te punge,  
Se o soffrer, se exhala em ais  
Louva, tonta, a Deus e pede  
Que t'os não dê mais fataes!

Chora, pois, chora, donzella,  
Que o pranto na tua idade  
Da vida lava o desgosto  
Do peito arranca a saudade.

MENDES LEAL (ANTONIO).

## A GRATIDÃO.

A gratidão é a reminiscencia do coração; é a agradecida recordação de um obsequio recebido, combinada com o desejo generoso de produzir uma grata sensação.

A gratidão indica sempre grandeza d'alma, e nobreza de sentimentos; as acções que ella produz, são as que mais se distinguem, avultam, e brilham entre as virtudes humanas. Cumpre observar, que os maiores heroes foram em geral os mais gratos aos serviços recebidos. Pyrrho, Alexandre, e Affonso rei d'Aragão, recordavam constantemente os serviços os mais triviaes que se lhes prestavam.

A terra dá thesouros abundantes aos que lhe confiam as sementes, e os rios restituem ao mar as aguas que d'elle receberam pelos vapores da noite. Os animaes que são os mais nobres em seus instinctos, são os que dão maiores mostras de gratidão.

Um coração verdadeiramente grato, encarece o beneficio recebido, recorda o favor, e esquece só os que faz. A verdadeira gratidão nunca deslembra o bem que lhe fizeram, e não deixa de patenteal-o, ainda quando o bemfeitor se torna seu inimigo. Ainda mais, se acontece este morrer, sobrevive a gratidão, e a acção se transfere para os descendentes do fallecido.

Quando se diz a um bemfeitor que lhe somos gratos, é esta uma phrase banal de civilidade commum, porém não é prova de gratidão, nem de retribuição adequada ao obsequio recebido. São os outros os que devem memorar a nossa gratidão, e pagar um justo tributo á virtude do bemfeitor. A gratidão concilia-nos o respeito e a amizade d'aquelles que a presenciam, porque as almas generosas comprazem-se em apregoal-a, e as almas mesquinhas são obrigadas a respeitar a virtude que são incapazes de imitar. Com um exemplo de verdadeira gratidão, apregoado na Historia d'Inglaterra no reinado de Henrique VIII, deparámos hoje, que nos pareceu digno de ser repetido.

Quando o orgulhoso Walsey decaiu da graça de Henrique VIII, os seus eguaes abandonaram-o, e os seus inferiores despresaram-o todos, com excepção porém de um cavalheiro por nome Fitz-Williams, que o ministro havia protegido no meio do seu valimento, empregando-o em um logar rendoso. Williams continuou apregoando os talentos e altas qualidades do estadista sem se afastar do seu lado; fez mais, para manifestar o quanto lhe era grato, convidou o ministro decaído da graça real para a sua casa de campo, onde o teve por hospede por largos dias, tratando-o com o mesmo respeito e consideração com que o tratava na epoca do seu valimento.

El-rei sabedor do que se passava mandou chamar á sua presença Fitz-Williams, e recebendo-o com ar severo, perguntou-lhe com semblante irado—«Como ousara albergar em sua casa um homem que descaira da sua graça, e que vergava sob o peso de uma accusação de alta traição?» «Senhor, respondeu Williams com toda a placidez, e nobreza de animo, não recebi em minha casa o decaído ministro d'estado, nem o reo de alta traição; hospedei em minha casa o meu bemfeitor, o meu protector, aquelle que me deu o pão para meus filhos, e a tranquillidade de que tenho gosado. Ah senhor! se eu o tivesse abandonado no meio da sua desgraça, eu seria o mais ingrato de todos os homens.»

Esta nobre resposta desarmou a severidade do rei, que não pôde deixar de admirar a gratidão de que dava mostras Williams, que poucos tempos depois foi nomeado cavalleiro, e em seguida feito membro do *conselho privado*, em testemunho da real approvação pelo seu nobre procedimento. \*\*\*

### UM BOM ECCLESIASTICO.

Passando um sacerdote por uma rua desviada, lançaram d'uma janella uma pouca d'agua a ferver que o molhou da cabeça aos pés. Limpou-se, enxugou-se o melhor que pôde, e chegou a sua casa com passo vacillante. Quando a ama o viu com a cara inchada e empolada em muitas partes, começou a gritar induzindo-o a vingar-se.

— Meu Deus! como v. m.<sup>co</sup> vem, senhor padre! E que fez a esses miseraveis?

— Agradecei-lhes.

— Agradeceu-lhes!... Porque?

— Por não terem deitado a vasilha átraz da agua, pois n'este caso, em vez de me escaaldarem, ter-me-biam quebrado a cabeça.

### FRAUDE ENGENHOSAMENTE DESCOBERTA POR CHRISTIERNO IV REI DE DINAMARCA.

Rosenbranks, subdito dinamarquez sob o reinado de Christierno IV, exigiu da viuva Iull o pagamento de cinco mil duros, que pretendia ter-lhe ficado a dever o marido da viuva. A viuva que sabia conscienciosamente que seu marido não devia similhante somma, negou a divida, declarando que tanto a assignatura do fallecido marido, como a sua propria, que apparecia na declaração de divida, eram ambas falsas.

Começou-se uma demanda, e correndo os seus tramites, afinal Rosenbranks obteve sentença contra a viuva. Esta, protestando contra a injustiça que se lhe fazia, appellou para o rei Christierno, e apresentando-se-lhe invocando o testemunho da Providencia, declarou solemnemente que a obrigação era uma falsidade feita para se lhe extorquir similhante somma, por quanto nem o fallecido seu marido nem ella deviam coisa alguma a Rosenbranks, que por acto de vingança lhe intentara aquelle processo.

O rei informado cabalmente da prohibidade da viuva Iull, prometeu-lhe que mandaria indagar o caso, e que lhe outorgaria justiça. Mandou pois aconselhar Rosenbranks que desistisse da pretensão, e não podendo conseguir d'elle coisa alguma, chamou-o á sua presença, ordenando-lhe viesse munido com a obrigação de divida.

Rosenbranks obedeceu, e Christierno tendo exigido a obrigação, depois de a ler e examinar, lhe ordenou a deixasse em seu poder, e voltasse dias depois para lh'a restituir.

Christierno em seguimento mandou chamar o fabricante que tinha feito o papel, e mostrando-lhe o documento, quiz que elle declarasse se n'aquelle anno, que a marca d'agua inculcava, elle fabricara aquella qualidade de papel. O fabricante sem hesitação declarou que não, e foi buscar a qualidade de papel que fabricava na data do anno que figurava no documento, acrescentando que da qualidade em questão havia seis annos que não se fabricava. O rei, satisfeito com esta prova evidente da fraude, mandou processar Rosenbranks, e punil-o severamente. \*\*\*

A religião é tão necessaria, que até Voltaire disse, que — *se um Deus não existisse, seria necessario invental-o.*

As procissões são os actos da religião, a que se vae com menos devoção.